

JOSÉ CARDOSO PIRES



ALICE GEIRINHAS

De livro aberto e cão à lareira

Entro nesta semana através dum nevoeiro que nem se imagina, com um Tejo lá em baixo todo afogado em brancura. Avanço na ponte cega e, já no fim, Lisboa começa-me a aparecer em farrapos fumegantes. Depois casa e livro, e um café para cortar a manhã.

Abro o *Manual dos Inquisidores* de António Lobo Antunes, por causa da crítica de há dois dias n' *O Independente*. Vou relê-lo porque é para mim o melhor dos romances dum escritor pessoalíssimo, surpreendente em acasos felizes e um dos mais corajosos em não se subverter ao leitor nem ao mundanismo literário.

Depois, toda a sua narração, densa, impetuosa e de perigosa memória, não é um estilo em si mesma, uma estrutura de voz apenas, mas uma ironia que antecede a ironia do texto – coisa rara em qualquer obra. E isto confere desde logo uma unidade de raiz aos seus romances por mais arrojada e angulosa que seja a geometria em que eles se desenhem.

Não, a escrita de Lobo Antunes não é o cavalgar caótico que os apressados possam imaginar. Tem ecos no imediato de cada frase, mundos por vezes; e vai longe, muito longe. É um andamento de ironia, torno a dizer, algo que se antecipa à malignidade da expressão ou das situações. Pela pujança e pelos desafios, terá alguma coisa a ver com Faulkner, e ainda bem, mas nunca

com as prosas cerradas dos Uwe Johnsons ou dos Thomas Bernhard que os encartados lêem a olhos sonolentos e em cambalhotas de tertúlia.

Aqui, ao correr das páginas, sigo-lhe o impulso vigiado da narração, o fôlego aberto e o corte impiedoso com que ele estremece o leitor e o envolve; a ternura também; o pudor; a corrupção do tempo e da escrita e a conflitualidade criativa que daí resulta. Sinais, tudo sinais do *copyright* dum escritor que se renova em nós e para longe de nós.

Levanto os olhos lá para fora: Lisboa libertou-se da névoa. Os supremos magníficos que durante trinta e tal horas a açaimaram e a povoaram de lobos de alsácia para fazerem dela a Capital da Segurança há muito que se puseram a andar e, sorte nossa, levaram de arrastão as respectivas legítimas. É que por mais damas de Estado que elas fossem, tinham um ar tão mal acabadinho que valiam como breves contra a luxúria. (A do Benjamin Tel-Aviv devia vir blindada dos pés à cabeça pela maneira como se atirava toda para a frente, além de trazer na sombra uma matilha de lulus secretos, cheios de antenas e de códigos vorazes. Mas adiante.)

Adiante, o que lá vai, lá vai. Lisboa foi restituída ao seu natural num luminoso Dezembro que só esta semana começou a ceder ao Inverno que lhe cabia. Apesar disso, ainda há uma ou outra abertura de sol e quando assim é, largo os livros, largo tudo e saio para a rua de São Félix onde há uma das últimas tabernas de Lisboa com vinho da pipa e parreirinha à porta.

Às vezes afasto-me do bairro, vou até ao Jardim da Estrela e mal lá chego encontro os cães do costume (que não são daqueles que andam de telecomunicadores com ministros pela trela). De passo altivo, vejo o galgo de pêlo de seda da embaixada saudita; a seguir, os dois *buskies* da Sibéria que em tempos foram medalha de ouro não sei onde; a seguir um *basset* de colete e de lágrima pendurada que eu conheço há mais que anos na companhia duma senhora de bengala – e disse. Se há mais cães neste jardim não contam para a paisagem.

Eu sinceramente que só me lembro destes cosmopolitas de coleira nas vezes em que venho aqui apanhar sol, mas já sei que durante dias voltam-me à memória quando menos espero. Um cão é como um *boomerang*: por mais que a gente o deite fora, volta sempre pelo mesmo bom caminho.

Quinta-feira negra em solidão de Inverno. Cães, sempre os cães. Desta vez, o fantasma dum cachorro a tresloucar toda uma aldeia de além-Gerês, na raia de Ourense, segundo a agência Efe.

Pela notícia, um tal Arnaúl María e sua mulher Cristina, embora em luto de quase quarenta anos pela morte do filho único, viviam no entendimento dos anjos em companhia de um perdigueiro de estimação. Perdigueiro que não caçava, não alçava a perna nem farejava cios mas que tinha um olhar de criatura muito entendida num focinho que lembrava a cara de uma pessoa. De que pessoa nem o velho nem a velha sabiam – mas lembrava.

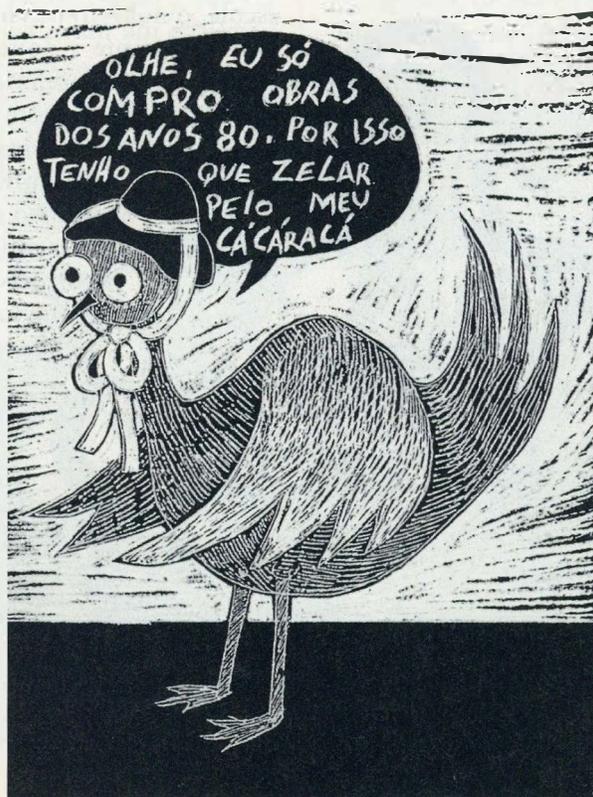
Até que um dia o animalzinho acabou-se. Morreu de estremeção, foi o que foi, e num olhar de despedida.

A aldeia nunca mais teve sossego. Primeiro os donos. Os donos, de luto dobrado e moídos de paixão, começaram a sonhar com o falecido e pouco depois já discutiam os sonhos um com o outro numa algazarra de ciúmes. Eram anos e anos de paz que se rasgavam assim, ao despertar de cada dia. E as noites não eram melhores porque a certa altura começaram a ouvir uivos à volta da casa e perceberam que era o espírito do animal a querer voltar, coitadinho, para junto dos saudosos donos. O mais estranho é que outras pessoas da aldeia como que ouviram, ou ouviram, ouviram mesmo, os chamamentos do cachorro num arrastar de saudades que cortava o coração.

Entretanto os sonhos da velha aclararam-se. Passou a dormir com a coleira do defunto presa aos dedos como se fosse um rosário, e de noite para noite, o rosto do cão tornava-se mais nítido e mais evidente. Jesus, Jesus, aquilo era a carinha do seu menino que Deus tinha, era a dele, o Senhor lhe perdoasse, e a velha tanto pensou, tanto transviou, que do alto de uns penhascos se atirou a uma ribeira donde a chamavam os uivos.

A partir daí muito camponeses passaram a encontrar um lobisomem nas primeiras noites de Dezembro. Era um bicho de meter medo, afirmavam, mas com cara de menino.

Dezembro é amigo dos cães, diz quem sabe. Mas com o devido respeito pelas consciências bem formadas, sempre pensei que antes de mais nada Deus criou o cão, que nunca mais o largou, e que para se ver livre dele é que criou depois o homem.



ALICE GEIRINHAS